

## Tirania sem líder

Justin Wedes

ABRIL DE 2017

- “Occupy Wall Street” é uma excelente peça didática sobre o que pode levar a democracia de base a fracassar.
- Via de regra, a não aceitação de uma liderança só traz vantagens àqueles que já têm o poder na sociedade.

Uma característica importante do movimento “Occupy Wall Street” foi a rejeição de uma liderança eleita ou nomeada. Isso evidenciou-se nas Assembleias Gerais e nos modelos de conselho de porta-vozes, criados nos principais campos de protesto: são estritamente observados os princípios de rotação e do horizontalismo. Esse último é uma forma de organização que substitui a hierarquia pela “administração autônoma, autonomia e democracia direta”. Em princípio, o movimento busca uma organização sem hierarquias.

Segundo a minha tese foi justamente essa pretensão que finalmente levou o movimento ao fracasso. E

não digo isso como um mero observador externo, mas como um dos seus fãs e incentivadores mais assíduos desde a formação dos primeiros grupos no verão de 2011.

E gostaria de esclarecer um aspecto adicional: Tenho certeza de que o movimento Occupy é um fenômeno cultural e político extremamente bem sucedido, suas sementes geram os mais diversos frutos no país inteiro e no mundo. Novas organizações e alianças foram formadas, antigas instituições foram ressuscitadas, novos políticos foram eleitos e políticos corruptos perderam os seus cargos, catástrofes naturais e causadas pelo ser humano foram evitadas de forma sustentável.



Muitos desses efeitos colaterais positivos do “Occupy Wall Street” surgiram e estão presentes até hoje, não por causa mas apesar das estruturas decisórias formais do movimento. A insistência do “Occupy Wall Street” em “dispensar a liderança” criou dentro do movimento um grupo de lideranças que não prestavam contas a ninguém, aniquilando a nobre tentativa de praticar a verdadeira democracia.

### ***A ausência de estruturas de liderança formais criou espaço para ações corajosas e autônomas.***

Isso não significa que as lideranças não houvessem tentado reivindicar o direito de liderança ou que os ocupadores não tivessem transferido a liderança a alguns do seu grupo. A ausência de estruturas de liderança formais criou espaço para ações corajosas e autônomas: por exemplo, a organização de uma marcha em Wall Street, uma manifestação para informar sobre a iminente evacuação pela polícia ou o incentivo de uma nova tecnologia para processos decisórios da democracia de base. Muitas pessoas ambicionadas e motivadas vieram aos acampamentos e apresentaram as suas ideias e seus projetos ao grupo. Mas grande número também se afastou frustrado, depois de constatar que não havia mecanismos formais para receber apoio para os seus planos.

### **As mídias determinam os porta-vozes**

As “mídias *mainstream*” – ou seja, as empresas de mídias organizadas conforme o princípio de maximização de lucros dos grandes grupos – não aguardaram o movimento “Occupy Wall Street” decidir quem deverá falar na frente das câmeras. Tomaram a liberdade de escolher por conta própria os porta-vozes do movimento. Muitas vezes, essa escolha correspondia às relações de poder existentes: Os

repórteres falaram com pessoas que eram os seus semelhantes (em sua maioria brancos), que pareciam saber se impor (especialmente homens, bem formados) ou que já tinham uma certa notoriedade, como celebridades ou agentes públicos eleitos. Isso fez com que as metas do movimento, já vagas por natureza, não fossem representadas corretamente, inclusive porque muitos dos grupos marginalizados que participaram dos acampamentos tivessem uma desconfiança profunda (e como acho justificada) contra as mídias e, por isso, as evitavam no parque Zuccotti em Nova York City, para onde os protestos migraram, ou até mesmo se opunham a eles.

Não obstante, acusar as mídias de representar incorretamente a plataforma Occupy significaria enganar-se em relação ao papel das mídias *mainstream*: Na melhor das hipóteses, o papel das mídias consiste em incentivar um diálogo entre o público interessado e os grupos que querem exercer uma influência sobre estas (governo, movimentos sociais, empresas). Na pior das hipóteses as mídias tentam influenciar esse diálogo de forma sutil, influenciando a cobertura de tal forma que ela sirva aos interesses que se beneficiarem destas: clientes que pagam anúncios, investidores e pessoas que utilizam o seu dinheiro e a sua influência para que sejam representados sob um viés positivo.

A estrutura sem hierarquias do “Occupy” dificultou enormemente o contato com as mídias. Uma vez que não havia porta-vozes eleitos, os repórteres se infiltraram entre os militantes com o intuito de adquirirem uma visão imparcial. Isso frequentemente deu origem a uma cobertura pouco notável.

O grupo de trabalho “relações públicas” tinha os seus próprios problemas em legitimar-se como voz externa. Muitos nos acampamen-



tos questionaram os seus motivos e, como não havia estrutura formal de liderança, tampouco havia autorização para falar em nome do movimento. Essa situação é aproveitada por *hardliners*, para ampliar o seu campo de ação, um fenômeno frequente: Foram criados sites e publicados comunicados de imprensa sem qualquer consulta. Assim, um pequeno grupo decidiu, com base em amizades e relações de confiança existentes, quem deveria ser entrevistado pelas mídias. A falta de liderança mostrou a sua face vil. Quando não é possível entrar num acordo sobre a quem queremos transferir o poder de falar por nós e agir em nosso nome, muitas vezes pessoas em busca do poder assumem essa função automaticamente e sem autorização.

### **Consenso como recurso para exercer o poder sem a responsabilização**

Em pequenos grupos, o consenso é um instrumento eficiente para a tomada de decisão: gera coesão em equipes e faz com que as pessoas se sintam responsáveis por um projeto e trabalhem a favor deste. O consenso também pode desconstruir hierarquias de poder existentes, as quais favorecem poucas pessoas privilegiadas em detrimento a outras pessoas marginalizadas. O consenso tem efeito cooperativo e é construtivo, especialmente entre pessoas criativas e grupos de artistas. No entanto, traz desvantagens na política, uma área em princípio desordenada e competitiva. A democracia exige que as pessoas concordem com o seu governo, mas não garante que todos concordem com todas as decisões. Quando uma democracia funciona, ela garante que não haja tiranias de maiorias nem minorias. Os interesses concorrentes das partes são compensados e a compensação de conflitos sociais torna-se mais fácil.

Considerando todos esses aspectos, o consenso é um instrumento imperfeito. E nas Assembleias Gerais da “Occupy Wall Street”, ele se mostrou fatal. Sem uma liderança clara e estável, agitadores e loucos podem facilmente tomar conta dos encontros e inviabilizar as agendas. A bem intencionada vontade de ouvir todas as vozes muitas vezes termina em gritaria, quando uma liderança fraca provoca um vácuo de poder na Assembleia. Enquanto os doutrinários confirmavam que a “democracia direta era mesmo caótica” e faziam pouco caso da situação, muitos novatos abandonaram o movimento calados – frustrados ou entediados.

### ***No segundo ou terceiro mês da ocupação, o consenso tornou-se inimigo da democracia direta.***

No segundo ou terceiro mês da ocupação, o consenso tornou-se inimigo da democracia direta. A crescente complexidade dos acampamentos e seus inúmeros grupos de trabalho, assim como a já evidente incapacidade da assembleia geral em organizar de forma prudente as finanças, a política e as demais tarefas do dia-a-dia, provocou a formação de um conselho de porta-vozes do “Occupy Wall Street”. Representantes dos muitos grupos de trabalho encontravam-se uma vez por mês para uma reunião. Modificando a busca de consenso pretendeu-se gerar alguma coerência na ação autônoma dos grupos. Naquela época já havia se instalado uma “liderança contra a vontade” no movimento.

Esse tipo de abordagem meritocrática parece possivelmente a uma primeira vista uma estrutura de liderança formal justa e não partidária, no entanto, ela não era nem um pouco justa. Os líderes contra a vontade eram tipicamente pessoas brancas, bem educadas da classe média alta que dispunham



de recursos para permanecer horas a fio no parque formando redes. No mais, eles rapidamente se esgotaram. Uma rotação das lideranças ajudou a combater essa cultura de *workaholics*, mas gerou instabilidade e a perda de uma memória institucional. Uma vantagem de estruturas de liderança formais com possibilidade de serem responsabilizadas é a oportunidade de desenvolver planos a longo prazo e uma visão conjunta. Nessa classe de lideranças problemática, muitas vozes marginalizadas não eram representadas, simplesmente porque não dispunham de tempo para participar de infinitas reuniões e *networking*. O seu carisma bastante recatado e seu profundo conhecimento não tinham chance alguma contra a perseverança e autonomia os “fazedores” da liderança de-facto em desenvolvimento do “Occupy Wall Street”.

### **A liderança abandona o parque Zucotti**

O fracasso da democracia de base sem liderança tornou-se evidente nas últimas semanas do acampamento de protesto. A compreensível decepção das pessoas com as infinitas assembleias gerais e os encontros dos conselhos de porta-vozes fez com que passo a passo os ocupadores mais ambiciosos e engajados, os verdadeiros líderes do “Occupy Wall Street” deixassem o parque, transferindo o centro de poder para locais seguros: escritórios de parceiros do movimento, apartamentos no Lower East Side e bares ou cafés da região. Assim, a democracia direta foi privatizada e os mecanismos de responsabilidade dos processos decisórios continuaram sendo prejudicados, influenciando tanto o trabalho cotidiano, como também a visão do movimento a longo prazo. Nesse vácuo de poder, a desconfiança começou a aumentar: O que aconteceu com o dinheiro do “Occupy Wall Street”? Quem falou com as mídias? Quem negociou com o

gabinete do prefeito? Perguntas que uma assembleia eleita poderiam ter respondido, já não tinham mais destinatário legal.

Desenvolveu-se uma espiral descendente, na qual todos que pareciam ter poder sobre “Occupy Wall Street” eram suspeitos de serem parte de um grupo de liderança de fato.

Como, no entanto, não havia estrutura de liderança formal, não havia líderes contra os quais pudéssemos nos levantar. Tornamo-nos nossos próprios inimigos: destrutivos entre si e sem responder a ninguém.

A incapacidade do “Occupy Wall Street” em se tornar uma força política forte independente abriu para o Partido Democrata e seus subpartidos a possibilidade de se apoderarem de nossa mensagem. (Note bem: Isso não é exclusivamente negativo; muitas vezes é assim que se gera progresso nas sociedades.) Hoje o “Occupy Wall Street” não passa de uma capa vazia de sua antiga força e uma rede mais difusa dos remanescentes ao invés de uma organização ou instituição padronizada.

### ***A falta de liderança provoca a tirania, uma vez que a liderança é parte inerente de todas as interações humanas.***

Para se tornar uma força política e econômica autônoma, o “Occupy Wall Street” deveria ter implementado a democracia verdadeira direta expandindo a abordagem participativa às estruturas sociais existentes. Muitos subgrupos do “Occupy” de fato se engajaram em grupos políticos e econômicos, partidos, sindicatos, bancos municipais de cooperativas, cooperativas agrícolas ou semelhantes. Assim, o movimento pode ser considerado parcialmente bem sucedido. Todavia, como movimento em massa não se formou uma unidade - ao menos não por ora.



A falta de liderança deu origem à tirania, uma vez que a liderança é parte inerente de todas as interações humanas. Todos nós desejamos líderes que reajam a nossas intervenções. Negar que exista a liderança em um grupo significa simplesmente contestar que essa exista de fato. Todavia, essa negativa sempre ajuda àqueles que já têm o poder na sociedade e não precisam pedir autorização para executá-lo.



#### **Autor**

**Justin Wedes** foi um dos membros fundadores do movimento social “Occupy Wall Street”. Atualmente, o militante fundou a iniciativa “Detroit Workers” e dirige o “The Liberti Group”, uma empresa de comunicação estratégica para movimentos sociais de base.

#### **Responsável**

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil  
Av. Paulista, 2001 - 13º andar, conj. 1313  
01311-931 | São Paulo | SP | Brasil  
[www.fes.org.br](http://www.fes.org.br)

#### **Friedrich-Ebert-Stiftung (FES)**

A Fundação Friedrich Ebert é uma instituição alemã sem fins lucrativos, fundada em 1925. Leva o nome de Friedrich Ebert, primeiro presidente democraticamente eleito da Alemanha, e está comprometida com o ideário da Democracia Social. No Brasil a FES atua desde 1976. Os objetivos de sua atuação são a consolidação e o aprofundamento da democracia, o fomento de uma economia ambientalmente e socialmente sustentável, o fortalecimento de políticas orientadas na inclusão e justiça social e o apoio de políticas de paz e segurança democrática.

As opiniões expressas nesta publicação não necessariamente refletem as da Friedrich-Ebert-Stiftung.

O uso comercial de material publicado pela Friedrich-Ebert-Stiftung não é permitido sem a autorização por escrito.

ISBN 978-85-9565-003-9



9 788595 650039